



Diagnóstico rápido de propriedades em transição para a sustentabilidade no Município de Vale do Paraíso, RO

Rapid diagnosis of properties in transition to sustainability in vale do Paraíso, RO, Brazil

CARVALHO, José Orestes Merola de. Embrapa Rondônia, orestes@cpafro.embrapa.br; MENDES, Angelo Mansur. Embrapa Rondônia, angelo@cpafro.embrapa.br; LEONIDAS, Francisco das Chagas. Embrapa Rondônia, leonidas@cpafro.embrapa.br; PEREIRA, Ricardo Gomes de Araújo. Embrapa Rondônia, ricardo@cpafro.embrapa.br; COSTA, Francisco de Assis. Projeto Padre Ezequiel, chicomendes10@hotmail.com; ROSA, Cesar Augusto Dutra da. Projeto Padre Ezequiel, cesaradr.agro@hotmail.com; MAGEDANZ, Roseli Maria Klauck. Projeto Terra Sem Males, roselimariakm@gmail.com; FRANCIOLI, Gisele. Projeto Terra Sem Males, gisafranci@yahoo.com.br.

Resumo

Está em curso, desde outubro de 2008, um projeto de pesquisa participativa em agroecologia, levado adiante por um grupo de pesquisadores constituído por membros da Articulação Rondoniense de Agroecologia. O objetivo deste trabalho foi realizar diagnóstico rural rápido, com foco no levantamento das culturas agrícolas e da pecuária praticada por famílias de agricultores do município de Mirante da Serra, que estão em processo de transição para a agricultura sustentável, sob assessoria de organizações não governamentais (Projeto Terra Sem Males e Projeto Padre Ezequiel).

Palavras-chave: DRR, Amazônia, agroecologia.

Abstract

Is on top of course, since October 2008, a project of participatory research in agroecology, taken forward by a group of researchers consisting of members of the Rondoniense Coordination of Agroecology. The objective of this study was rapid rural diagnosis, focused on removal of agricultural crops and livestock of farmers conducted by households in the municipality Mirante da Serra, which are in the process of transition to sustainable agriculture, under advice from non-governmental organizations (Project Earth Without Sickness and Father Ezekiel Project).

Keywords: RRD, Amazônia, agroecology.

Introdução

Está em início de curso, desde outubro de 2008, um projeto de pesquisa participativa em agroecologia, levado adiante por um grupo de pesquisadores constituído por membros da Articulação Rondoniense de Agroecologia.

A questão ambiental (e o desenvolvimento sustentável) não se esgota na necessidade de dar bases ecológicas aos processos produtivos, de inovar tecnologias para reciclar os rejeitos contaminantes, de incorporar normas ecológicas aos agentes econômicos, ou de valorizar o patrimônio de recursos naturais e culturais para passar para um desenvolvimento



sustentável. A questão ambiental/desenvolvimento sustentável, não só responde à necessidade de preservar a diversidade biológica para manter o equilíbrio ecológico do planeta, mas de valorizar a diversidade étnica e cultural da espécie humana e fomentar diferentes formas de manejo produtivo da biodiversidade, em harmonia com a natureza (LEFF, 2001).

Aceitar que os conhecimentos produzidos em outros contextos, além daqueles considerados científicos, também são válidos, significa colocar em discussão os referenciais mais caros à ciência clássica (e aos próprios pesquisadores): objetividade, neutralidade, busca da verdade, conhecimento desinteressado do mundo, etc. Se a ciência não representa a única fonte de conhecimento válido, se os conhecimentos tradicionais e os saberes cotidianos também devem ser considerados na produção do conhecimento agroecológico, então é necessário promover “o diálogo de saberes”, em outras palavras, a articulação entre o conhecimento científico e os outros saberes produzidos através do tempo. Isto não é uma coisa fácil, se considerarmos a formação dos pesquisadores, a cultura e a estrutura das instituições (CAPORAL, 2005).

DRR originalmente significava Diagnóstico Rural Rápido, mas suas abordagens e métodos também são usados, entre outros, no contexto urbano. “Relaxado” é melhor que “rápido”. Muitos fazem distinção entre o Diagnóstico Rural Rápido (DRR) e o Diagnóstico Rural Participativo (DRP) / Aprendizagem e Ação Participativa (AAP). Para eles o DRR é sobre descobrir. É uma coleta de dados cuja análise é feita principalmente por “nós”. Um bom DRP/AAP, que envolve mais que um DRR, é, ao contrário, um processo de capacitação, avaliação, análise e ação feito pelas próprias pessoas do local.

Existem métodos que são típicos do DRR (observações, entrevistas semi-estruturadas, travessias, etc) e outros típicos do DRP/AAP (mapeamento participativo, diagramas, várias formas de uso do solo, comparações, etc, muitas vezes em pequenos grupos). As vantagens destes diagnósticos permitem que a aprendizagem progressiva seja flexível, exploratória, interativa e inventiva, além de permitir mudanças de rumo necessárias (aprender junto com as populações rurais, descobrir e usar os seus critérios e categorias, e encontrar, entender e apreciar conhecimento técnico local), averiguando não mais do que o necessário, mas utilizando diferentes técnicas, fontes e disciplinas, junto com o uso de uma variedade de informantes, numa grande variedade de lugares, permitindo um controle cruzado de informações para chegar mais perto da situação real (CHAMBERS, 1992).

O objetivo deste trabalho foi realizar diagnóstico rural rápido, com foco no levantamento das culturas agrícolas e da pecuária praticadas por famílias de agricultores do município de Vale do Paraíso, que estão em processo de transição para a agricultura sustentável, sob assessoria de organizações não governamentais (Projeto Terra Sem Males e Projeto Padre Ezequiel).

Metodologia

No início do ano de 2009, pesquisadores da Embrapa Rondônia se reuniram com representantes de organizações governamentais e não governamentais representadas na Articulação Rondoniense de Agroecologia. As organizações presentes foram: Projeto Padre



Ezequiel, Projeto Terra Sem Males, Escola Família Agrícola Itapirema, Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Rondônia, Associação para o Desenvolvimento da Agroecologia na Amazônia Ocidental (ADA-Açai), Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura do Município de Ji-Paraná, Delegacia Federal do Desenvolvimento Agrário de Rondônia/Ministério do Desenvolvimento Agrário, Cooperativa de Ajuda Mútua dos Agricultores de Rondônia (COOCARAM).

Nesta reunião, debateu-se sobre formas de iniciar a pesquisa participativa em agroecologia. Chegou-se a um consenso de que a primeira ação seria fazer a sistematização das experiências dos agricultores, uma vez que, os mesmos têm trabalhado no sentido de construir alternativas sustentáveis a pelo menos duas décadas. Como foi levantado entre as organizações que prestam assessoria a estes agricultores que há cerca de 500 famílias no processo de transição, foi acordado que seria feita uma seleção representativa dessas famílias. Isto porque foi detectado que alguns agricultores poderiam representar os demais e teriam maior possibilidade de virem a contribuir com o projeto por se tratarem de agricultores experimentadores.

Acordou-se que esta seleção seria realizada por toda a equipe do projeto, mas que seria necessário realizar diagnóstico rural rápido nas propriedades como forma de subsidiar o trabalho de seleção e iniciar o processo de sistematização das experiências. Para essa etapa de DDR, foi formada uma equipe composta por profissionais da Embrapa Rondônia, do Projeto Terra Sem Males e do Projeto Padre Ezequiel. Definiu-se também que o DDR seria realizado através de visitas às propriedades consideradas mais representativas pelos profissionais encarregados de assessorar esses agricultores, constituindo esta, uma primeira seleção, para se chegar ao número de 50 famílias de agricultores a serem visitadas.

Definiu-se que, nesta etapa seria suficiente diagnosticar as espécies vegetais e animais dos sistemas produtivos, bem como detectar tecnologias que os mesmos considerassem relevantes para a sustentabilidade do agroecossistema. Apresentar o projeto de pesquisa participativa às famílias e verificar a disponibilidade destas integrem a rede de pesquisa participativa foram objetivos secundários.



Resultados

Tabela 1. Atividades, espécies cultivadas e sistemas de produção de agricultores em transição para a sustentabilidade no município de Vale do Paraíso, RO. Embrapa Rondônia, 2009.

proprietário	atividades
João Carlos	cana (açúcar, rapadura), colheita 6 dias sem chuva e em período de flor (calendário biodinâmico), variedade manteiga – rende bem mesmo florada, variedade rosa – mais ou menos igual a manteiga, quase não flora, mas é melhor de produção; café (24 anos) x ingá, seringa, ipê, branquilha, feijó, cedro, teca, pintadinho, castanha, faveira de paca, jacarandá, andiroba; horta caseira (tomate, couve, mandioca, batata doce, inhame, cara); açaí (vinho, licor, refrigerante); feijão x mucuna; cacau (24 anos, 1,5ha) x castanha, ipê, cerejeira, branquilha, feijó, bandarria, jatobá, genipapo, mogno, cedro rosa, agoniada, açoita cavalo, espeteiro, amoreira, bacu pari selvagem, peroba, teca, pau d'alto, oiticica, jacarandá, andiroba; mel, leite, galinha, suíno; recuperação de pastagem (tirando só a malva) - "daqui 10 anos vai estar tudo coberto por árvores"; 98 ha, 10 alc mata; 4 famílias (pai, João, 2 irmãos); homeopatia; calendário biodinâmico; polpas: cupuaçu, açaí, acerola, caju, cacau, araçá boi, laranja (sombra prejudica a planta); banana (nanica, maçã, missoure, fritar, maranhão, ouro – na beirada do café, terra ruim e com pedra. Ficou mirrada por anos. Colocou matéria orgânica e ela despertou. Saiu capim e aí melhorou mais; pupunha x açaí, cupuaçu, sombrasil, teca, garrote, mogno, araçá boi, abiu, andiroba, castanha, oiticica, ipê, feijó, jenipapo, laranja, murcote, pocã
Antonio / Deja	50 há; tem hémia de disco e bico de papagaio, não consegue desenvolver o serviço; recuperação de nascente; Café (1986) solteiro roçado – já plantou feijão de porco (há 8 anos) – há 3 anos plantou ingá, mas não desenvolveu; café x sobrasil, castanha, cedro, ipê (está abandonado desde 2004); mucuna, guandu; horta (pais); mandioca mansa "quebradilha"; leite (15L para consumo); está deixando sombrear o pasto; galinhas para venda e consumo;
Pedro Ardson	horta (pais, radiestesia, preparados biodinâmicos, homeopatia); feijão preto; feijão carioca (chifre sílica na floração); soja, amendoim, feijão pitoco, arroz (mucuna, qd estava com 15 cm plantou o arroz. Depois do arroz plantou o feijão); banana (maçã, nanico, de fritar); cana (rapadura, açúcar); café x bandarria (adensada não está bem, menos adensada está melhor) x puerária (corta as q estão subindo 2x/ano), plantou tb gliricídia, ingá, assapeixe, andiroba, cupuaçu, cacau, açaí, patuá, mogno, quariquara, araçá boi; café catuaí (1000 pl) x jatobá x feijão de porco; mandioca x arroz; falso mangostão; bacupari; cupuaçu; quebra vento com napie roxo; mandioca; silvipastoral (fetagro) – acha q deveria ter sido implantado por semente, as teria que ter preparado melhor o solo, uma vez que era pasto de 20 anos. Devia ter feito berço de 60 x 40 cm com matéria orgânica e esperado 1 ano para plantar, para ir amaciando a terra em volta (leite); mel jataí e Europa (usou raminho de goiabeira para localizar local onde o lençol freático é mais alto. Baginha de paca cresce onde o lençol é mais alto); peixe orgânico; gergelim na cerca o gado não chega perto; galinhas; perus; pupunha (mais espaçada dá mais fruta) x guandu, feijão de porco, graviola; área de recuperação de mata implantada em 2000; Homeopatia; calendário biodinâmico; preparados biodinâmicos; pessoal da cidade não compra produto com veneno. Quitanda que vendia hortaliça com veneno fechou; mucuna preta e cinza (dá menos semente) em área que era café para recuperar o solo. Depois rancar o café e plantar lavoura branca; preparo de solo: mucuna em novembro, deixa 1 ano. Em março do outro ano roça e planta feijão. Em outubro planta arroz. Em fevereiro colhe o arroz e planta feijão. Em novembro planta mucuna novamente (usa cipó para controle da vaquinha); solo compactado e com cascalho: gradeou, plantou arroz com cobertura de palha de café sem curtir (não saiu mata), colheu 10 sc e meio

Conclusões

Foram identificadas três famílias de agricultores em diferentes estágios do processo de transição agroecológica.

Referências

LEFF, E. **Saber Ambiental. Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder.** Petrópolis, RJ: Vozes/PNUMA, 2001. 343 p.

CAPORAL, F. R. 2005. **Agroecologia não é um tipo de agricultura alternativa.** Disponível em: <http://www.pronaf.gov.br/dater/arquivos/0730211685.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2010.



CHAMBERS, R. **Diagnóstico Rurales Participativos**: Passado, presente y Futuro. Bosques, Arboles, y Comunidades Rurales Edición Latinoamericano. Octubre: FAO, Rome y IRDC/SUAS, Uppsala, 1992.